

iLPF: TECNOLOGIA QUE MODERNIZA A AGROPECUÁRIA BRASILEIRA

A pecuária brasileira em toda sua história foi praticada em sistema extensivo. Esse sistema foi responsável, em grande parte, pela expansão do território nacional, sobretudo no Nordeste e Centro-Oeste. Na recente ocupação da Amazônia, a partir da abertura da rodovia Belém-Brasília, em 1960, essa atividade teve destaque com a introdução das pastagens plantadas nesta região.

A baixa produtividade e o avanço do desmatamento são aspectos importantes na necessidade de mudar desse sistema de produção. Essa mudança começou há três décadas, com pesquisa pioneira na Fazenda Barreirão (GO), onde a equipe da Embrapa montou mais de 60 experimentos para pesquisar o comportamento do consórcio arroz x capim Braquiária. Esse trabalho, desenvolvido pelo pesquisador engenheiro agrônomo João Klutskouski (o João K), culminou no lançamento do sistema Barreirão, em 1983. Ele foi o embrião de todos os outros sistemas de consórcio que o seguiram, e que se tornaram conhecido como sistema de integração Lavoura-Pecuária-Floresta (iLPF). Atualmente nos seis biomas brasileiros, 19 Unidades de Pesquisa (UPs) da Embrapa e 97 Unidades de Referências Tecnológicas (URTs). Esses últimos são os locais de demonstração desse sistema para os produtores.

Para que ocorresse essa transformação de uma pecuária extensiva para um sistema integrado formado pela pecuária-lavoura-floresta, a agropecuária brasileira passou por quatro “revoluções” tecnológicas promovidas pela pesquisa agrônômica tropical, após a Revolução Verde. Na década de 1970, ocorreu a introdução do sistema de plantio direto na palha. Nos anos 90 vieram a realização de duas safras durante o ano, com a tradicional de verão mais a de inverno. Hoje, o milho 2ª safra é superior ao de 1ª safra. Ocorreu também a Fixação Biológica de Nitrogênio (FBN), nas lavouras de soja, com importante economia na aplicação de adubo nitrogenado. Finalmente o país chega ao atual iLPF, com o plantio sequencial intensificado e simultâneo numa mesma área.

A Rede de Fomento iLPF pesquisou o emprego desse sistema no Brasil. Foram realizados quase oito mil entrevistas em nível nacional, sendo 3.105 com pecuaristas de gado de corte ou leite e 4.804 com produtores de soja ou milho de verão. Com base nessa pesquisa, os pesquisadores Ladislau A. Skorupa e Celso V. Manzatto, da Embrapa meio Ambiente, publicaram um trabalho que mostra 11,5 milhões de hectares com iLPF no Brasil. Em 2005, esta área total era de 1,8 milhão de hectares. Houve um aumento de quase 540% em dez anos, em média.

As regiões que apresentam as menores taxas de adesão a esse sistema são o Nordeste e a Amazônia, por sinal, as que mais necessitam dele. O sistema de integração Pecuária-Floresta (iPF) é urgente sua adoção na região Nordeste pelos benefícios ambientais e econômicas que trazem. A Amazônia só tem a ganhar em preservação ambiental e aumento de produtividade com a adoção do sistema de integração Lavoura-Pecuária-Floresta (iLPF).

Essas “revoluções” fazem do Brasil, atualmente, uma potência do agronegócio em expansão.